

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

90 trabalhadores de uma empresa de material eléctrico para a construção civil - FIRMA LOURENÇO BORGES, LDA, situada em Lisboa - estão em luta há vários meses, e paralisados desde o dia 17 de Maio. O processo culminou com a não garantia dos postos de trabalho, e agravou-se com a tentativa do despedimento de 17 trabalhadores.

Sobre o desenvolvimento da luta e dos problemas com que se debatem, falamos com quatro trabalhadores. Da longa conversa que tivemos com estes quatro trabalhadores, publicamos hoje a primeira parte.

PORQUE LUTAMOS

COMBATE - Para começar gostaríamos de saber qual é a actividade da empresa, o número de trabalhadores...

Fidalgo - Somos 90 trabalhadores no total da firma Lourenço Borges Lda. Estamos numa luta desde há um ano, altura em que começámos a elaborar um processo contra a entidade patronal no Ministério do Trabalho (em 26/6/75). Tudo porque elegemos uma comissão de trabalhadores que foi rejeitada pela entidade patronal e para conseguirmos levar a comissão de trabalhadores avante, isso obrigou a que a entidade patronal se afastasse da empresa como gerente, mas não como sócio. Nomeou depois como gerente, a substituí-lo com plenos poderes, o filho José Manuel Fernandes Borges. Mais tarde o filho também não conseguiu gerir a empresa, declara-se até incompatível com a Comissão de Trabalhadores e geram-se novamente conflitos laborais.

Temos vindo a avançar através de processos; temos recorrido ao Ministério do Trabalho, ao Ministério da Indústria. Mediante todo esse percurso e processos elaborados fomos denunciando manobras da entidade patronal. Até existiam fraudes dentro da empresa, embora não tenhamos provas concretas disso, mas gostaríamos que as próprias Finanças viessem investigar. No entanto, tem-nos sido recusado qualquer apoio, quer por parte do Ministério da Indústria, quer por parte do Ministério do Trabalho. Não temos conseguido absolutamente nada.

COMBATE - O conflito começou no momento em que o patrão contestou a Comissão de trabalhadores?

Fidalgo - Exacto.

COMBATE - Quais os argumentos que ele usava nessa contestação?

Fidalgo - Queria a Comissão de Trabalhadores a maneira dele, não a aceitava eleita pelos trabalhadores, dado que, com certeza, que esses trabalhadores iriam sempre arranjar-lhe problemas. Ele queria uma C.T. que não investigasse nem controlasse a gestão da empresa, que se preocupasse simplesmente até em auxiliá-lo numa gestão... numa gestão fascista, considero eu.

COMBATE - Como é que essa Comissão de Trabalhadores foi eleita?

(Cont. pags. Centrais)

NEM OTELO NEM EANES PELA DEMOCRACIA DIRECTA

EDITORIAL - Pag.3

"CIMENTO ARMADO"

- Pag.2

OURENÃ - Pag.2



OS TRABALHADORES DA LISNAVE OFERECEM UM
TRACTOR E ALFAIAS A COOPERATIVA DO
BARCOUÇO pag.6.7

LUTAS OPERARIAS EM BARCELONA

O artigo que se segue é traduzido do jornal "Frente Libertario", de Maio de 1976, pag.5.

Entre os conflitos mais duros e prolongados dos últimos meses em Barcelona, e na sua periferia, assinalam-se os de Ingra, Faema, Mik, Grau Cuadrada, Harry Walker e Control y Aplicaciones(1), cuja situação actual é:

INGRA - Em luta desde 2 de Fevereiro, por um aumento de 1.500 pesetas/semana, não absorvíveis. 70 despedimentos, 4 cargos revogados.

FAEMA - Desde 4 de Fevereiro, por um aumento de 5.000 pesetas mensais e pela anulação dos expedientes. 190 despedimentos, 11 cargos sindicais revogados.

MIK - Desde 27 de Janeiro, por melhores condições de segurança e higiene e por um aumento de 5.000 pesetas mensais. 53 despedimentos, 5 cargos sindicais revogados.

GRAU CUADRADA - Desde 16 de Março, por melhorias sociais e económicas, por um aumento de 5.000 pesetas/mês e apoio ao contrato provincial da metalurgia.

CONTROL Y APLICACIONES - Desde 16 de Março, pela readmissão de um delegado despedido de Martorell(Solvay), em solidariedade com os de San Adrián(Fecsa) e Prat(Cianenca).

HARRY WALKER - Desde 15 de Março, por uma plataforma reivindicativa. Paradas as três fábricas de Avis, Valldaura e Solex com um total de 820 trabalhadores.

Através da sua luta os trabalhadores reconheceram que se os capitalistas são agora mais fortes é porque possuem as leis a seu favor e porque têm a polícia a protegê-los. Mas também se deram conta que unindo-se e organizando-se na luta são mais fortes que eles e podem vencê-los. Tal é o

exemplo das últimas lutas: Construção Civil, Banca, Metalurgia de Madrid, Sabadell, Vitória...

Conscientes desta necessidade, os trabalhadores das referidas empresas em Barcelona decidiram unir-se e organizar-se conjuntamente para assim: 1) coordenar esforços e acções; 2) manter a luta e estendê-la; 3) pedir solidariedade e 4) pressionar com mais força os patões. Desde então todas as suas acções têm sido coordenadas e conjuntas: paralizações, marchas e manifestações, caixa de dinheiro comum, extensão da luta, gestões, etc.

O eco deste acordo inter-empresas repercutiu-se em todos os sectores operários e daí a seguinte declaração feita pelos grevistas:

A solidariedade que estamos a receber de todos os trabalhadores, dos bairros, das escolas... mostra-nos que o apoio e a vitória das nossas lutas temos somente de os ir buscar na força dos trabalhadores; por isso, pois, achamos necessário unir a readmissão dos despedidos a todas as reivindicações na luta pelo contrato.

Temos verificado como o sindicato defende apenas os interesses dos patrões, e que de modo algum é o sindicato operário que na realidade necessitamos, nós os trabalhadores, para lutar contra o capitalismo.

Denunciamos igualmente a Delegação de Trabalho, a Magistratura e as leis feitas exclusivamente para defenderem os interesses dos capitalistas. E em especial o artigo 103 que lhes permite despedir-nos em qualquer momento.

Com a sua luta, os grevistas barcelonenses põem também em evidência a posição

(Cont. p.8)

NÓS OS CAMPONESES EM OURENTÁ

Retirámos do boletim "CAMPONESES EM LU-TA", mês de Junho, realizado pelo Centro Cultural do Barcouço, o artigo que se segue (págs. 3 e 4):

Ourentá, sede de freguesia, povoação com ruas largas e luxuosas vivendas enfiadas entre casas a cair, não tem as condições sociais mínimas, apesar de em muitos casos abundar dinheiro. Diz-se aqui que é um buraco onde a gente se mete.

Circunvizinham esta povoação outras pequenas aldeias nas condições de vida se assemelham.

Povo na quase totalidade camponês, povo que não tem segurança no trabalho, não tem medicina ao seu serviço, não tem segurança na velhice. Estas pessoas continuam a vida sem se aperceberem de qualquer mudança política na sociedade em que vivem. Dia a dia trabalhando os seus pequenos prédios rústicos, semeando, sachando, arrendando, regando, ceifando e recolhendo o fruto do seu trabalho, muitas vezes feito com a força dos seus braços ou dos seus bois. Alguns têm tractores agrícolas para alugar a bom preço, explorando os mais pobres; outros têm a sua máquina muitas vezes mais por luxo do que por necessidade. Mas todos sofremos da mesma maneira: por vezes mais sofremos depois de recolhermos os frutos que mesmo durante a faina. E isto porque no fim de um ano de suor, por vezes de fome, os nossos produtos ficam ao dispor dos intermediários parasitas. Caímos-lhes nas mãos! Eles é que mandam nos preços, eles é que compram quando lhes dá na real gana, eles dizem que os produtos não prestam, eles dizem que há muita fatura...enfim, todo o jogo sujo do capital.

Foi ao ver toda a exploração numa sociedade que nos mata aos poucos, sentindo-a na carne, que um pequeno grupo de pequenos camponeses pobres começámos a fazer reuniões para debater a nossa situação.

Depois de algumas reuniões onde se procurou uma saída deste modo de viver, optámos pela única via ao nosso alcance: a cooperativa de produção agro-pecuária. É que, na cooperativa podíamos unir "tanto as terras como as forças", transformando o trabalho manual em trabalho feito por máquinas, o trabalho individual em trabalho de grupo, a posse individual de dois, três ou quatro porcos em pocilgas colectivas, obtendo maior rendimento e fugindo às garras dos intermediários.

A nossa caminhada já se arrasta há alguns meses. Desde o princípio contactámos e temos tido o apoio dos cooperativistas do Barcouço, que, com a sua experiência, tudo tem feito para que a gente avance. O

IRA e o SADA têm feito as reuniões e têm-nos prometido o maior apoio. Por vezes surgem-nos barreiras, como é o caso dos senhores da Fazenda Pública de Cantanhede que não nos quiseram deixar identificar o número dos artigos e a área de cada prédio. São, afinal, estes senhores, os que nada ou pouco fazem em prol dos que para eles trabalham ao sol e à chuva, que nos querem impedir de termos uma vida mais justa e digna. Mas uma vez nos valeu a colaboração de alguns trabalhadores do IRA, que recolheram aqueles elementos, contra a vontade dos senhores branquinhos da sombra.

O processo tem evoluído com algumas aderências mas também com hesitações. Há pessoas que vêm às reuniões para saberem o que pretendemos, se já temos condições para eles entrarem, e muitas vezes têm receio daquilo que para nós já começa a ser uma realidade.

Já temos toda a papelada praticamente pronta para enviar para Lisboa para serem aprovados os nossos planos. Temos agora grande necessidade de sermos legalizados; é que dentro de um mês queremos começar a cultivar colectivamente algumas propriedades, para o que precisamos de uma máquina e alfaias que não podemos comprar por falta de crédito e de legalização.

Para o escoamento dos produtos temos, em conjunto com o Barcouço, estabelecido contactos com C.M. e C.T. e com outras cooperativas de produção do sul. Com estavenda directa pretendemos colocar os produtos nas mãos dos nossos companheiros operários, mais baratos e livres da canalha intermediária.

Seguimos uma linha apartidária. No entanto, já houve tentativas internas de infiltração, que não admitimos. Pedimos - e agradecemos - ajudas, mas sem interesses partidários; estes só provocam discussões e, portanto, desorganização. Temos tido ajudas sinceras de pessoas que nos querem ver avançar. É o caso da magnífica ajuda que nos têm dado o pessoal da Faculdade de Economia de Coimbra, professores e alunos, que têm sido incansáveis, desde trabalho já efectuado a um notável amparo quando surgem dificuldades. Enfim, gente que nos tem ajudado e nos continuará a ajudar, de certeza.

A nossa luta tem sido difícil, mas havemos de chegar ao fim, havemos de vencer todos os obstáculos que nos têm posto na frente. O que é importante é estarmos bem unidos, conscientes e organizados. A vitória há-de ser nossa, custe o que custar.

Grupo de trabalhadores camponeses da UNICAMPO - União de Camponeses Pobres de Ourentá.

CIMENTO ARMADO:

uma cooperativa de trabalhadores e moradores

Somos três Associações de moradores, a Conchada, a Relvinha e a Ponte do Bispo que vivemos em barracas e em casas sem condições e somos trabalhadores da Construção Civil que estamos desempregados.

Hoje formamos um corpo único de moradores e trabalhadores na Cooperativa de Construção Civil e Consumo de Habitação - "O CIMENTO ARMADO".

E como é que nasceu a Cooperativa? Os moradores destas Associações há já algum tempo vinham lutando pelo direito à habitação e estavam a tentar resolver o problema através do SAAL. Mas o que é certo é que o 25 de Abril não resolveu tudo e os entraves à luta dos explorados tem aumentado há uns meses para cá.

São as expropriações que não se efectivaram; é o decreto de financiamento que não é aprovado pelo Governo; é o próprio SAAL que começa a não conseguir acompanhar a luta dos moradores...

As Associações vinham muito concretamente a sentir que a construção das casas era uma questão para a qual não tinham resposta uma vez que a solução da auto-construção proposta pelo SAAL não parecia correcta. De facto não é justo que quem trabalha 8 ou 9 horas por dia tenha de roubar ao seu tempo de descanso (que já é pouco) uns bocados que se quer ter uma casa em condições, quando, quem lucra com o seu trabalho, e que pouco faz, tem tudo e até casas sem mexer uma palha!

A Relvinha tem já seis casas, onde moram seis famílias, construídas pelo sacrifício e pela luta de todos os moradores. É uma vitória para quem toda a vida foi obrigado a viver num quadrado de tábuas! Mas a classe operária tem de exigir aquilo a que tem direito, não pode sobrecarregar-se ainda mais para atingir essas conquistas.

E a Relvinha tem consciência disto, como aliás as outras Associações. De tal maneira que a certa altura começaram a ver que nos próprios bairros haviam desempregados da construção civil e pensaram que ligando-se aos trabalhadores que com eles são explorados teriam mais força para enfrentar o inimigo que é comum, o capitalismo que atira uns para o desemprego e outros para as barracas.

Assim começaram a reunir-se e formaram a Cooperativa, que tem como fim construir habitações ou outras construções necessárias à vida destes órgãos populares, como creches, postos médicos, centros culturais, etc.

Esta cooperativa nasceu da fusão dos interesses de moradores e de trabalhadores, que tinham a consciência que só organizados podiam levar a cabo a sua luta.

São os interesses de classe que ligam não só estes trabalhadores e estes moradores, mas ligam também estes a outros que noutros pontos do país têm formas de luta comuns contra o inimigo capitalista que os quer oprimir e explorar. Por isso é importante a ligação desta cooperativa a outras e a fábricas que produzem as matérias primas que eles vão transformar.

É que os patrões não gostam de ver os operários a organizar-se e resolver os problemas pelos seus próprios meios e, boicotam estas cooperativas não vendendo as matérias primas.

Mas se os trabalhadores dessas fábricas estiverem unidos a estas cooperativas poderão mais facilmente fazer frente a esses boicotes patronais.

É que a classe operária só poderá fazer frente à organização do capital, unindo-se, organizando-se ela própria.

O AVANÇO DA DIREITA NAS ESCOLAS

Em meados de Maio o COMBATE realizou uma entrevista com vários alunos do LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA, em Lisboa, com a principal preocupação de perceber o aparcimento crescente de alunos de direita, activos, nos liceus e as formas que utilizam nas suas acções.

A entrevista é muito longa e como tal, resolvemos, com o acordo dos intervenientes, publicar no jornal uma síntese dessa discussão; síntese esta que ainda não pôde ser realizada para este número. Contamos poder fazê-lo no próximo COMBATE.

Entretanto, a entrevista já foi integralmente publicada numa "Edição do Comité Estudantil de Base do PAV", com o título "O avanço da direita nas Escolas" e encontra-se à venda nas Livrarias Contra a Corrente (Rua da Atalaia, 204-206 em Lisboa e Rua do Breiner, n.º50, no Porto).

Reproduzimos aqui a introdução da referida publicação:

A entrevista que aqui reproduzimos foi feita em meados de Maio, no Liceu Padre António Vieira (ex Alvalade) - que seria, pouco tempo depois, notícia foi publicada, durante o prazo, ocasião a expedição de dois alunos conhecidos pela sua grãfia, que actualmente estão sujeitos ao processo de desobediência disciplinar.

A iniciativa pertenceu ao jornal "COMBATE", cujo elemento activo de redacção, e activistas presentes alguns e alunos de diversas línguas, durante o prazo de expedição, origem social e experiência política.

COMBATE A ESCOLA CAPITALISTA
CONTRA A REPRÉSSÃO DO QUOTIDIANO
POR UM ESCOLA AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES

Editorial

NEM OTELO, NEM EANES — PELA DEMOCRACIA OPERÁRIA

NEM OTELO, NEM EANES — o movimento operário no desenvolvimento da sociedade comunista não precisa de "representantes" separados do seu controlo directo, não precisa de "bandeiras" exteriores à sua própria prática. Com os seus avanços, com os seus recuos, a luta dos trabalhadores há-de fazer vingar na prática as instituições alternativas ao sistema de representantes, aos deputados, ao Estado.

Não é por um ou por outro partido, não é por Eanes ou por Otelos que passa a revolução comunista.

Sempre nos opusemos a todas as organizações ou grupos políticos que apagam o perigo real do capitalismo de Estado considerando como unico inimigo o capitalismo de propriedade privada, através do slogan "luta contra o fascismo". Estes grupos desde o 25 de Novembro, e mesmo antes, apontam como um dos perigos as reprivatizações. Na realidade, a fraca base social do capitalismo de propriedade privada faz com que a actuação do proletariado se deva centrar na luta contra o capitalismo de Estado.

Que assim é, mostra-nos de novo a campanha para as presidenciais que agora decorre: uma luta pelo poder entre os vários grupos de capitalistas de Estado — no fundo, os mesmos que apareciam já no 25 de Novembro.

Dizíamos em editoriais anteriores, que o 25 de Novembro não foi mais do que a fortificação de alguns grupos de capitalistas de Estado, que conseguiram, eliminando os outros grupos da chefia do governo, impor um modo de governar ou seja, um certo projecto político, social e ideológico para a contenção e repressão dos explorados. (ver **COMBATE** nºs 31, 32 e 33). Mas esta unificação de alguns grupos da classe dominante através de um projecto de controlo e repressão dos trabalhadores, não é a única condição para o poderem passar à prática. Para isso necessitam de um entendimento entre eles — ou seja, uma forma de resolverem os seus conflitos internos — e aqui o PS aponta uma solução com a constituição de um governo homogéneo. Necessitam por último, de conseguirem impô-lo aos explorados. E até hoje vemos que este ponto não foi conseguido: as lutas dos trabalhadores não pararam, mesmo apesar da repressão que se acentuou desde o 25 de Novembro e que, pelas palavras dos deputados do partido socialista, tenderá a aumentar. Não é, pois, por acaso que Eanes toma este ponto como o centro da sua campanha, o centro das suas preocupações.

Os capitalistas de Estado vitoriosos no 25 de Novembro encontram em Ramalho Eanes o homem que assegura e consolida o seu projecto de governo. Note-se o papel importante que este teve na reestruturação do exército — transformação deste num órgão estritamente disciplinado e operacional.

Os grupos de capitalistas de Estado eliminados da chefia do governo com o 25 de Novembro, aparecem liderados por Otelos, tal como apareciam já antes dessa data. Agora com uma diferença: a passagem à oposição fortaleceu a união de todos os grupos, aparecendo hoje numa frente mais homogénea.

Em editorial de 28/11/75 dizíamos já e repetimos hoje pela actualidade que tem, que este grupo tem por objectivos: reconstruir o aparelho de Estado tomando como base unicamente as organizações burocratizadas, nascidas do movimento operário. E acrescentávamos:

"Era a linha do PC, desde o 59 (governo até há bem pouco, da FUR, UDP e quejandos, bem como de figuras militares que pretendem apresentar-se directamente às massas sem ser pelos canais de um partido (Otelos em especial)). É neste sentido que falamos de "poder popular": construir um novo aparelho de Estado (o "poder" à base das organizações burocratizadas "populares"). Com o desenvolvimento deste processo, até essas organizações burocratizadas seriam eliminadas, mas entretanto, a sua função demagógica e mistificatória daria à classe dominante o tempo suficiente para reconstruir o poder de Estado".

Lemos na "Revolução" de 27/5/76, pag. 12:

"... a figura de Otelos, por aquilo que o Copcon fez — o apoio à ocupação de casas e de campos, o apoio aos trabalhadores em luta, o apoio às manifestações revolucionárias — por ter sido preso no 25 de Novembro, por aquilo que é, neste momento, permite um grande movimento de massas à sua volta, que seja unificador dos trabalhadores e dos revolucionários. A sua candidatura será uma bandeira à volta da qual se faça uma arrancada da esquerda, contra o fascismo e pela revolução socialista, única capaz de iniciar a resolução dos problemas dos explorados."

Pretende-se que a candidatura de Otelos unifique o movimento de massas. Perguntamos nós: como se pode unificar um movimento que não tem qualquer base prática de actuação autónoma?

O movimento que se pretende criar e de apoio à uma candidatura, que em si é exterior à prática social dos trabalhadores. Enquanto, neste momento, largos sectores de trabalhadores lutam por reivindicações próprias, muitas delas comuns a amplas massas do proletariado, essas lutas decorrem isoladas em cada sector de trabalho, sem qualquer ponto comum a nível de orga-

nização, que vise a sua unificação. Mas, não é no seio deste movimento operário que surge o tal movimento dito "unificador dos trabalhadores". Ele surge paralelamente à prática real de luta dos trabalhadores e visa "fins políticos", como dirão os partidos que o dinamizam, sendo esta separação de "objectivos económicos" e de "objectivos políticos", a base da necessidade das vanguardas políticas por eles preconizadas, da divisão entre os que sabem e os que não sabem e precisam de ser conduzidos, para justificarem a necessidade hoje dos partidos, para amanhã apontarem a necessidade do Estado.

O real objectivo destes partidos é fazer um certo trabalho que lhes permita recrutar para o seu seio mais elementos, se possível retirando-os de entre os mais activos de outros partidos — ou seja, a movimentação operária só interessa na medida em que lhes serve para crescerem. A candidatura de Otelos serve para unificar os vários pequenos partidos com os mesmos objectivos de governo (da UDP a FSP, passando pelo PRP e MES) hoje ainda divididos (estabelecimento da "frente de massas" comum) e aumentar a sua base de militantes.

Dizíamos também num editorial anterior:

"Será muito funesto para o desenvolvimento das formas comunistas de luta, que os trabalhadores não vejam outras alternativas táticas senão a de apoiarem uma ou outra das facções em luta da classe dominante".

Mas é o que hoje se passa em largas camadas de trabalhadores por todo o país, mas principalmente no sul, onde, muitas vezes através dos seus órgãos de decisão máximos (as assembleias e os plenários gerais de trabalhadores) apoiam a candidatura de Otelos.

Porque que hoje, estes trabalhadores apoiam um certo modelo de capitalismo de Estado apresentado através do ex-comandante do Copcon? Parece-nos que esta explicação surge da análise dos processos de luta em Portugal desde o 25 de Abril. Assim, poderão apoiar Otelos:

1 - Comissões de trabalhadores e moradores burocratizadas, que através da sua prática foram levadas a optar pela necessidade de centros de decisão exteriores à sua prática de luta.

2 - Trabalhadores que pelas formas limitadas de luta em que estiveram envolvidos, não vêem de forma clara a alternativa operária, escolhendo entre os candidatos aquele que acham melhor defender os seus interesses.

3 - Alguns trabalhadores que têm uma prática perfeitamente revolucionária na unidade de produção, que lutaram contra os sindicatos, contra todas as outras instituições burocratizadas, mas que não vêem a possibilidade da sociedade se organizar sem Estado, sem intelectuais a gerir superiormente a economia. Isto porque em Portugal, as práticas de luta mais avançadas não deixaram de ser pontuais, localizadas na fábrica, no bairro, no campo. Não houve uma generalização da prática de luta, que permitisse criar instituições de tipo novo, nascidas na prática dessas unificações de lutas, que fossem substituindo o aparelho de Estado.

A unificação autónoma de lutas foi em Portugal até hoje, diminuta e mesmo assim esporádica — traduziu-se mais em manifestações de solidariedade espontâneas e de curta duração. Não nos podemos espantar que em Portugal muitos trabalhadores revolucionários vejam em Otelos uma esperança.

4 - Alguns trabalhadores que vêem claramente a alternativa organizacional operária, mas que consideram que a campanha em torno de Otelos poderá criar condições para que os trabalhadores criem um novo ânimo e prossigam a sua luta autónoma. Ou seja, estes camaradas apostam na ultrapassagem de Otelos, pelo movimento autónomo dos trabalhadores.

Pensamos que esta hipótese é pouco provável, já que não conhecemos qualquer processo (ou sintomas disso) em que os trabalhadores comecem, desde já, a aproveitar a situação actual para consolidarem as suas formas organizativas próprias. Mas mesmo que tal viesse a acontecer, parece-nos que a posição revolucionária será apoiar esse movimento autónomo e desmistificar frontalmente o que está por trás da candidatura de Otelos. Qualquer outra posição contribuirá para criar novas ilusões ao movimento operário e em última análise fortalece os objectivos da UDP, PRP e quejandos.

O PCP que por razões táticas — confiança inicial na hipótese da "maioria de esquerda" ou seja que o PS alinhasse num candidato comum — e principalmente, por razões ligadas ao 25 de Novembro, não pode jogar na figura de Otelos. Não evitará, pois, que parte das suas bases mais radicais deixem de acatar as directivas do partido e apoiem Otelos.

OPERÁRIOS E CAMPONESES UMA LUTA

Já não é a primeira vez que os cooperativistas de BARCOUÇO recebem a calorosa solidariedade de outros explorados. É de referir a oferta do Sindicato da Construção Civil no valor de cem mil escudos e, a oferta de cinco toneladas de adubos pelos trabalhadores dos Nitratos de Portugal. Desta vez foram os operários da Lisnave que, no passado dia 6, ofereceram um tractor e diversas alfaiais agrícolas à Cooperativa de Produção Agro-Pecuária do Barcouço no valor de 295.730\$00.

A este acto revolucionário estiveram presentes trabalhadores de outras empresas, que expuseram os seus artigos: FUNDIMONDEGO, cooperativa operária de fundição de metalomecânica, da Figueira da Foz; COOPERATIVA ESTRELA DO MONDEGO, malhas, Portela do Mondego, Coimbra; DINISTEX, confecções, em autogestão, Ribeira de Eiras, Adémia; COOPMAIO, têxteis, Rua do Brasil 237, Coimbra; CIMENTO ARMADO, cooperativa de construção e habitação, Coimbra; COMUNAL, cooperativa de produção agrícola da Argea; COOMAQUE, cooperativa operária de máquinas de escritório; UNICAMPO, cooperativa agro-pecuária da Ourenta; ADEGA COOPERATIVA DE SOUSELAS; 18 de MARÇO, cooperativa de produção de aparelhagem eléctrica, Apartado 22, Brejo, Agueda. Também estiveram presentes diversas Comissões de Trabalhadores e Comissões de Moradores da zona de Coimbra e do Porto. É de referir a presença de um grupo de trabalhadores da Caixa de Previdência de Aveiro que em nome de 103 trabalhadores entregou um donativo de 6.250\$00, assim como a oferta de 3.560\$00 por um grupo de professores comunistas de Aveiro. Um elemento da "Comissão de Luta pela libertação de Fausto Cruz" explicou o porquê da greve geral desencadeada pelos estudantes da Universidade de Coimbra, pela libertação daquele estudante antifascista. Fausto Cruz, recentemente libertado após o encarceramento de dois meses, por ter sido encontrado com uma navalha na altura de um comício do CDS em Coimbra.

Seguiram-se as intervenções de: um grupo de cantores de Coimbra, do Coro Mis- to de Coimbra, do GAC, além do CITAC que apresentou uma peça teatral sobre as eleições presidenciais.

Depois da leitura do protocolo que formaliza a entrega do tractor e alfaiais agrícolas, seguiram-se as intervenções de representantes da COBAR e do Conselho Geral de Trabalhadores da Lisnave, que publicamos abaixo, na íntegra.

Este acto de solidariedade é a concretização da necessária união da luta dos trabalhadores da cidade com a luta dos explorados do campo. Que outros se lhe sigam para reforço da "inquebrantável aliança dos operários com os camponeses" como referiu um elemento do Conselho Geral de Trabalhadores da Lisnave.

INTERVENÇÃO DO REPRESENTANTE DA COBAR, António Cerdeira de Abreu.

Peço perdão a todos os camaradas que estão presentes, do arrazoado das minhas palavras, pois estou de tal forma comovido que não sei que palavras hei-de dizer. Mas simplesmente tenho que apresentar o meu obrigado aos trabalhadores da Lisnave que vieram até nós dar-nos a sua grande oferta e o seu grande incentivo que nos dá coragem para prosseguirmos na luta que há cerca de um ano principiámos a travar.

Os trabalhadores da Lisnave de um modo particular e os trabalhadores da cintura industrial da cidade de Lisboa de um modo geral, são os trabalhadores mais conscientes do país. Este gesto dá provas disso, a prova cabal que eles são homens conscientes pois sabem que para nós construirmos um Portugal melhor tem que se principiar pelas bases, principiar pela sua agricultura. Essa pobre desprezada, essa pobre gata-borrallheira da fábula que os fascistas transformaram. A consciência demonstrada, na verdade, por todos esses trabalhadores faz-nos compreender que nós, os camponeses, também temos que avançar e avançar

bastante depressa nas conquistas que dizem ser as chamadas conquistas da revolução - a reforma agrária. Esta, evidentemente, má olhada por muitos aqui na nossa região é, no meu entender, a única forma de resolver os assuntos da agricultura portuguesa. A agricultura portuguesa não pode continuar a andar à volta da cepa torta, como tantos anos tem andado. Tem que se criar novos moldes, porque os moldes antiquados em que nós estamos empenhados (ou estivemos empenhados) não dão resultados. Portanto, nós aqui no Barcouço, resolvemos unir as terras, começar-se pelas bases, fazer as sementeiras em conjunto, fazer as plantações em conjunto. Para quê? Para que elas se tornem mais rentáveis, para que amanhã essas culturas possam ser vendidas com mais lucros e até mais baratas do que estão a ser vendidas até aqui.

É natural que muitas vezes não diga bem aquilo que penso, porque a comoção, na verdade, não me faz vir os pensamentos à memória com a acuidade que eles deviam vir, mas simplesmente queria dizer mais uma vez: obrigado trabalhadores da cidade.

Sabemos que há muita gente que não acredita em nós, ou até julgam-nos os torcioná-

rios, alguém que quer desviar as pessoas do bom caminho; nós pretendemos simplesmente seguir um caminho recto, um caminho justo. Criámos a nossa cooperativa simplesmente para tornar as nossas terras mais rendosas e não tirar nada seja a quem for. Há quem diga que nós queremos tirar as terras aos outros lavradores. Ora, o nosso passado fala por nós; nunca tirámos nada a ninguém; só queremos que todos se unam a nós para tornarmos uma maior rentabilidade agrária, uma maior rentabilidade das nossas terras. Por conseguinte, há quem diga que isto seja comunismo, socialismo, mas também se pode chamar cristianismo, também se pode chamar humanismo. Os apóstolos nos seus primeiros tempos também viveram em comunidade e não os chamaram comunistas. Isto não tem nada com política, é realismo. A realidade obriga-nos a unirmo-nos, a realidade obriga-nos a fazer os nossos esforços conjuntamente para podermos vencer. É isso que nós pretendemos e nada mais. E é por isso que eu digo, que os operários da cidade, os operários de Lisboa - digamos assim - são conscientes e são patriotas porque esse é que é o grande patriotismo, é fazer com que o país siga por novos caminhos, com que Portugal se torna uma Nação forte, digna, onde os seus filhos possam viver uma vida decente. Ora, é por isso que eu mais uma vez e para terminar venho dizer: para a frente, ou melhor, avante. Que a vossa abnegação venha mais uma vez pelas terras de Portugal incentivar os pequenos agricultores, os trabalhadores agrícolas a unirem-se para podermos construir aquele Portugal que nós desejamos, onde toda a gente possa viver uma vida decente e feliz. E por isso, muito obrigado.

INTERVENÇÃO DE UM ELEMENTO DO CONSELHO GERAL DE TRABALHADORES DA LISNAVE

Camaradas e amigos,

Depois de um protocolo e depois do agradecimento, num ambiente fraterno, num ambiente de convívio, onde se apelou para a unidade dos explorados, aqui estamos num acto revolucionário. Para tal, o Comissão de Trabalhadores da Lisnave tem realmente algo a agradecer às pessoas presentes. A C.T. da Lisnave, órgão representativo dos trabalhadores, e porta-voz dos que contribuíram na campanha de fundos para a reforma agrária, saúda fraternalmente os amigos da Cooperativa do Barcouço, assim como todos os trabalhadores do distrito solidários com a reforma agrária.

Camaradas, esta nossa vinda aqui é a continuação dos nossos esforços para tornarmos efectiva a unidade entre operários e camponeses, porque entendemos que só com essa unidade podemos levar para a

Editorial

(Continuação p.3)

Mas jogar com os grupos minoritários esquerdistas é hoje arriscado ao PCP, que olha para os resultados eleitorais e sobretudo, para a evolução dos variados partidos comunistas europeus e aceita de melhor grado uma aliança com os socialistas..

Otelo é, pois o candidato "populista". A base deste populismo assenta nalguns mitos que encontram eco nos trabalhadores, pelas características e limitações da luta autónoma, como já apontámos. Estes mitos são acalentados e desenvolvidos pelas organizações políticas que o apoiam e tem por base acções práticas de Otelo, principalmente no período que esteve no Copcon: As ocupações de casas, sem repressão; o transporte de adubos para o Alentejo em camiões militares; a posição assumida aquando do desaparelhamento das armas de Beirolas e tantas outras tiradas demagógicas contra o fascismo e a favor dos trabalhadores; ter sido uma figura ligada ao 25 de A-

bril, mito das "Forças Armadas Libertadoras" e de não ter usado a repressão directa contra os trabalhadores em luta. Por se pretender não-partidário... Se pensarmos que muitos trabalhadores em Portugal, consideram a prática dos partidos nociva nos seus locais de trabalho, nas suas lutas e que tem luta para que não seio das cooperativas, empresas em autogestão, etc. os partidos se afastem. Quando pensamos em tudo isto percebemos como tão pouco simpática pode ser a candidatura de Octávio Pato e compreendemos até onde poderá ir a demagogia de Otelo...

Mas uma dúvida persiste: porquê que hoje amplas massas de trabalhadores apoiam Otelo, quando no 25 de Novembro, não lhe deram o mínimo apoio? Parece-nos que as razões mais fundas destas diferenças de comportamento, estão na base dos dois processos - no 25 de Novembro, só o poderiam apoiar os trabalhadores verdadeiramente convictos de que Otelo era a solução para os seus problemas, pois o apoio, nessa altura, implicava risco. Hoje, o risco não existe - trata-se de escolher um elemento entre quatro que lhes são oferecidos.

CONTRA O MESMO INIMIGO

frente a reforma agrária e todas as conquistas até agora alcançadas. Apesar de muito limitadas são o resultado da nossa unidade que a todo o custo temos-nos esforçado para fazer frente ao nosso inimigo comum: o capital explorador, os grandes latifúndios e os monopolistas. Entendemos que a reforma agrária para ser levada a bom termo não pode ser só no Alentejo, tem que ser também no centro e no norte. Sabemos que talvez no Alentejo estejam criadas melhores condições, mas também sabemos que a vossa vontade, a vossa coragem nada fica a dever aos nossos camaradas do Alentejo. Mas para que a nossa vitória seja concretizada temos de reforçar a nossa unidade, aqui e em toda a parte.

Camaradas, somos operários e como operários que somos vimos trazer-vos o nosso abraço fraterno e a certeza que sempre nos tereis ao vosso lado e a certeza de que estaremos dispostos a todos os sacrifícios para levar a bom termo a reforma agrária e o fim da exploração do homem pelo homem.

Camaradas, não queremos agradecimentos. Isto que fazemos é um dever dos trabalhadores da cidade que, embora sendo explorados como vocês, mercê das lutas desencadeadas pelos seus direitos, manti-

veram ao longo de todos estes anos um melhor nível de vida. Por tudo isto, os operários da Lisnave conscientes, reconhecem o espírito de unidade dos amigos do Barcouço, que conseguiram organizar, formar a sua cooperativa. Nós, sentindo as dificuldades de apoio por parte do governo, estamos presentes e solidários para contribuir com tudo o que for possível para o avanço da reforma agrária, e nem só, tudo o que os trabalhadores deste país mais ambicionam, criar condições para um Portugal socialista.

Ao terminar esta minha intervenção, faço um apelo a todos os trabalhadores agrícolas, aos pequenos e médios agricultores deste distrito, que sigam o exemplo destes corajosos e honestos amigos do Barcouço e que formem um forte e extenso movimento unitário de camponeses.

Vou terminar. Em nome de todos os contribuintes da Lisnave vou dar um forte abraço ao amigo representante da Cooperativa do Barcouço, do qual significa a aliança operário-camponesa.

- Em frente pela reforma agrária!
- Viva a inquebrantável aliança operário-camponesa!
- Viva a revolução socialista!
- Viva Portugal!

PROTOCOLO

Em nome dos trabalhadores da Lisnave o Conselho Geral de Trabalhadores deste estabelecimento fabril declara por este protocolo, fazer entrega à cooperativa do Barcouço, das seguintes alfaias agrícolas adquiridas com o produto das suas contribuições voluntárias:

- Um tractor marca "UTB", modelo 650 X, N.º.927781 no valor de Esc.: 212.530\$00 (Duzentos e doze mil quinhentos e trinta escudos).
- Um escarificador, marca Premetal, Modelo PL-9R no valor de Esc.: 14.750\$00 (catorze mil setecentos e cinquenta escudos)
- Uma charrua, modelo 2-F 14 -180, no valor de Esc.: 24.500\$00
- Duas vacas leiteiras, no valor de Esc.: 34.500\$00
- Uma motosserra, marca Pioneer, Model P.50 no valor de Esc.: 9.450\$00 (Nove mil quatrocentos e cinquenta escudos).

Os documentos legais que vincularão a transferência de propriedade do equipamento descrito para a Cooperativa do Barcouço ser-lhe-ão entregues imediatamente após a sua regularização.

A Cooperativa do Barcouço compromete-se a não alienar o citado equipamento a terceiros e a restituí-lo, no estado em que se encontrar, à comissão de trabalhadores da Lisnave no caso de dissolução da Cooperativa.

Esta oferta constitui mais uma manifestação de solidariedade que os traba-

(Continuação p.5)

semprocil

o nosso projecto de controlo operário está a servir de modelo, neste momento, para mais empresas. Pois já temos tido vários contactos a pedir para cedermos o nosso projecto, para com base nele fazerem projectos para outras empresas, mesmo do Ministério do Trabalho.

Trabalhador B - O processo da sociedade portuguesa mudou a partir do 25 de Novembro e foi a partir dessa altura que nós pensamos fazer o nosso projecto de controlo operário. Havia mais dificuldades, apesar de antes do 25 de Novembro haver já muitas... Tínhamos um representante do Ministério do Trabalho que sempre nos apoiou

lhadores das fábricas e dos campos e, neste caso concreto particularmente grato aos trabalhadores da Lisnave, representa o empenho dos trabalhadores conscientes e interessados na defesa e consolidação da reforma agrária, chave da revolução de 25 de Abril.

Com este acto, os trabalhadores da Lisnave e os trabalhadores da Cooperativa do Barcouço selam um pacto de cooperação que não terminará hoje aqui, mas perdurará como um indestrutível elo de ligação a unir os trabalhadores num esforço comum para a criação da sociedade justa que só o socialismo feito pelo povo trabalhador unido, pode conseguir.

Os trabalhadores da Lisnave entregam à cooperativa do Barcouço este equipamento com a esperança de que estes meios de trabalho constituam para os seus camaradas de luta um valioso instrumento de produção, capaz de fazer progredir esta cooperativa e os seus esforçados trabalhadores.

O Conselho Geral de Trabalhadores da Lisnave deseja as maiores felicidades futuras aos trabalhadores da Cooperativa do Barcouço, saúda calorosamente a sua firme determinação de lutar por uma vida melhor.

AVANTE PELA REFORMA AGRÁRIA!
UNIDOS VENCEREMOS!

Barcouço, 6 de Junho de 1976

Pelo Conselho Geral de Trabalhadores da Lisnave
Pela Cooperativa do Barcouço.

mesmo contra o próprio patronato, o que não é muito normal hoje em dia encontrar nos organismos que se dizem defensores dos trabalhadores, mas que de facto estão do lado dos patrões a atacar os trabalhadores. Este representante ajudou-nos muito nas negociações do nosso projecto de controlo operário.

Trabalhador C - Ao fazer o controlo nós vemos que podemos começar a conhecer a maneira de gerir a firma. Ao mesmo tempo que os controlamos e temos a garantia do nosso emprego, aprendemos a gerir, para que na altura, se chegar alguma vez a altura, de irmos para a autogestão, a gente de facto esteja consciente de todos os problemas.

APOIO AO COMBATE

CAMARADA:

A sobrevivência económica de um jornal como o COMBATE não é fácil. Ele apoia-se somente nos trabalhadores, não tendo por trás qualquer órgão político ou partidário.

Temos dificuldades cada vez maiores, à medida que os nossos encargos aumentam: agora que mudámos ainda à pouco de distribuidora comercial e que dela ainda não recebemos dinheiro nenhum, e que fazemos provisoriamente o jornal numa tipografia em que temos de pagar a pronto no acto de entrega.

Pensámos, e chagámos mesmo a anunciar no COMBATE n.º39, fazer o jornal a stencil: mas os inconvenientes disso são grandes e temos andado a evitar tal hipótese. Com jornal a stencil não poderíamos distribuí-lo comercialmente, nem fazer uma grande tiragem, por ser muito maior o trabalho de execução prática do jornal. Para conseguirmos manter o COMBATE tal como ele está, precisamos do apoio material de todos aqueles que acham importante a sua continuação.

PODES APOIAR-NOS:

- Ajudando a difusão do jornal, no teu local de trabalho, ou na tua região, se ele não for aí distribuído comercialmente. Para isso escreve-nos e diz-nos quantos exemplares te podemos enviar pelo correio.
- Fazendo-te assinante ou fazendo assinantes os teus camaradas e amigos.
- Fazendo actividades paralelas que possam contribuir para o apoio do COMBATE.

PARA TODOS OS CONTACTOS:

- RUA DA ATALAIA, 204-206 LISBOA - 2 (no Bairro Alto) ..
- TELEFONE: 371733 (das 14.30-24 horas todos os dias, incluindo os sábados)
- RUA DO BREINER, 50 PORTO.

Reuniões Combate

Se queres colaborar na realização do jornal COMBATE, se queres discutir conosco os editoriais, se queres discutir o conteúdo do jornal, aparece nas nossas reuniões em Lisboa TODAS AS TERÇAS-FEIRAS, às 21,30 horas, na Rua da Atalaia, 204-206 (no Bairro Alto); ou no PORTO, TODAS AS QUINTAS-FEIRAS, às 21,30 horas, na Rua do Breiner, 50.

Para qualquer informação podes telefonar para o número 371733 (Lisboa) todos os dias das 14,30 à meia-noite.

A LIVRARIA CONTRA A CORRENTE EM LISBOA ENCONTRA-SE ABERTA TODOS OS DIAS ÚTEIS (DE SEGUNDA A SÁBADO) DAS 14,30 à meia-noite.

QUERO ASSINAR O COMBATE DESDE O N.º ...

- 1 ano (26 números) 96\$00
- 6 meses (13 números) 48\$00
- Apoio (anual) 120\$00 mínimo
- Europa (anual) 212\$00 por avião
- USA (anual) 264\$00 por avião
- Angola (anual) 216\$00 por avião

QUERO VENDER ... EXEMPLARES DO COMBATE

Junto envio\$...

(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome do director)

TELEFONICA: AS COMISSÕES DE GREVE ANALISAM

Publicámos no **COMBATE** nº 41 de 13/5/76 uma entrevista com um trabalhador da "Compañia Telefónica Nacional de España". Publicamos hoje, como complemento àquela entrevista, um comunicado das "Comissões de Greve", traduzido do jornal "Le Combat Syndicaliste" de 29 de Abril de 1976, pags. 5 e 6.

Do total das reivindicações do contrato, salienta-se uma plataforma em doze pontos, dos quais os mais importantes são os seguintes:

- Amnistia dentro da empresa por motivos sócio-laborais
- Aumento linear de 7.000 pesetas; revisão semestral
- IRTP e ITP dependente da empresa
- Jornada de trabalho de 36 horas semanais para todos
- 26 dias úteis de férias para todos, a gozar durante os meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro
- Especificação clara e precisa de centro de trabalho
- Comité de Segurança e Higiene eleito directamente pelos trabalhadores
- Controlo e autogestão por parte dos trabalhadores de: "Institucion Telefónica de Prevision", "Junta Rectora", "Serviços Médicos" e "ATAM":
- Controlo e poder de decisão por parte dos trabalhadores dos fundos sociais, já que estes são salários não-recebidos.

Deve-se salientar que as nossas reivindicações englobam um custo anual social de 11.000 milhões de pesetas, ao mesmo tempo que a empresa obtém com o recente aumento das tarifas um aumento do lucro anual de 25.000 milhões de pesetas aproximadamente.

A empresa respondeu a esta plataforma de uma forma ambígua e negativa. Como forma de pressão organizam-se paralisações de meia hora desde 23 de Março, posteriormente aumenta-se o ritmo para uma hora. Desde dois de Abril Barcelona lança a greve geral como consequência de a empresa ter interrompido as negociações e se dirigir ao "Lauda" (Organismo oficial correspondente ao Tribunal do Trabalho - nota do **COMBATE**).

No dia 5 a polícia desaloja as centrais onde se realizavam Assembleias; desde essa data realizam-se diversas manifestações e concentrações de rua. Entrevistas com o delegado dos Sindicatos, Governador Civil e Ministro do Trabalho e Relações sindicais, onde não se obtém resultados favoráveis aos trabalhadores. Um delegado do UIS (Sindicatos Europeus) garante-nos que no

caso de militarização as comunicações com Espanha serão boicotadas; entrega-nos uma quantidade de dinheiro para manter a paralisação e promete-nos enviar outra remessa.

A partir desta luta, a forma organizativa varia. As débeis "Comisiones Obreras" (Comissões operárias, cujos órgãos de cúpula são controlados pelo Partido Comunista Espanhol - nota do **COMBATE**) são ultrapassadas e coordenam-se os delegados das assembleias dos centros de trabalho, assembleias maioritárias no "Fomento del Trabajo" - daí os grandes cartazes alusivos à nossa luta que actualmente tapam os signos fascistas que enfeitam o recinto - e a sala de reuniões de Sindicatos actua como executores para negociações. Reune-se diariamente a coordenadora dos delegados, numa sala dos sindicatos, onde se faz o ponto da situação quanto aos centros paralisados, informação do movimento a nível do Estado e se analisam alternativas imediatas a tomar. A luta centra-se no triângulo País Basco, Madrid e Barcelona, onde se encontram localizadas a maior parte das instalações da companhia.

Uma vez que a Telefonica é uma empresa de serviços e que as paralisações, dada a sua automatização, economicamente não representam um grande prejuizo para a empresa a luta centra-se em três níveis: o primeiro é realçar as zonas que economicamente dão prejuizo à companhia - conferências manuais nacionais e internacionais, construções que dilatarão a realização dos lucros, avarias, comercial e facturação de recibos.



O segundo nível era quebrar a primeira barreira repressiva da empresa apoiada nos seus quadros intermédios: capatazes, encarregados das centrais, vigilantes e supervisores da parte comercial aderem à paralisação.

O terceiro nível, face à militarização, é o domínio da opinião pública. Este é o fulcro da nossa luta. Para isso, criam-se comités de extensão de luta: comité de in-

prensa, autocolantes alusivos às nossas reivindicações, folhas de informação para a opinião pública, intervenções em assembleias de trabalhadores para apoiar a luta, associações de moradores, rádio, universidades, escolas de ensino secundário, etc. A empresa também se apercebe de que este nível é o mais importante e põe em acção toda a sua influência para que os órgãos de informação deturpem ou anulem as nossas notícias, e por seu lado emitirá comunicados falsos para criar a confusão na opinião pública e quebrar a nossa unidade.

A luta não terminou, apresenta-se ainda comprida se a unidade se mantiver, o tempo joga a nosso favor já que a degradação das centrais é progressiva.

Actualmente a luta centra-se em conseguir a eliminação das sanções porque ao ser ditado o "Lauda" a questão económica perde todo o sentido.

Se tivéssemos de fazer um balanço rápido da luta podíamos resumi-la nos seguintes pontos:

- Luta política com o fim de romper com os topos salariais e acabar com uma direcção característica da classe imobilista.
- Eliminação das "Comisiones Obreras" e potencialização dos delegados de base. Assembleia de todos os trabalhadores como órgão executivo.
- Criação de um fundo de resistência (fundo de greve)
- Elevação do nível de consciência: nas assembleias de centro fizeram-se balanços políticos da conjuntura actual e da possível liberdade sindical, assim como de que a luta da classe trabalhadora é apenas uma.
- Experiência em manifestações de rua
- Aumento da solidariedade entre os trabalhadores
- Aderência de quadros intermédios na luta quebrando o princípio de autoridade na empresa
- Experiência a nível organizativo: coordenação da luta aos nível local e nacional.
- Experiência quanto a anular manobras divisionistas por parte da empresa e de grupos específicos
- Marginalização dos organismos oficiais: sindicatos, Ministério do Trabalho (Decreto de greve)
- Consciência de que a unidade da classe operária na luta concreta é capaz de levar à alteração das reivindicações desejadas.

AS COMISSÕES DE GREVE

(Continuação p.1)

deste Governo que responde com violência aos operários que pedem reivindicações justas, protestando contra o facto de ter de haver mortos na classe operária para conseguirem um aumento salarial, como o que tem ocorrido nos últimos dias em Vitoria, Basauri, Tarragona, Elda e Barcelona.

As reivindicações concretas neste momento, dos trabalhadores barcelonenses são:

- 1) Readmissão dos despedidos;
- 2) Anulação de sanções e de revogações;
- 3) aumentos salariais, e
- 4) melhores condições de trabalho.

Para as alcançar, convidam-se todos os operários a solidarizarem-se com a luta mantida até aqui, particularmente para que se consiga a total readmissão de todos os despedidos.

(1) - Cabe mencionar também os companheiros de Meler (Cerdanyola), Roca (Gava) e Optica Hispano (Badalona) que se encontram paralisados neste momento.

INE

OS TRABALHADORES DO I.N.E. EM LUTA ! A FUNÇÃO PÚBLICA EM LUTA !

OS TRABALHADORES DO I.N.E. ESTÃO EM GREVE, LUTANDO POR REGALIAS SOCIAIS PROMETIDAS PELO GOVERNO.

FALTANDO AO PROMETIDO O GOVERNO FAZ DESABAR A REPRESSÃO ATRAVÉS DA APLICAÇÃO DO DESPACHO ANTI-GREVE, TENCIONANDO ROUBAR OS JÁ MAGROS VENCIMENTOS DOS FUNCIONÁRIOS.

O I.N.E. É O BALÃO DE ENSAIO DA APLICAÇÃO DA LEGISLAÇÃO REPRESSIVA COM A QUAL O GOVERNO PRETENDE REDUZIR A ZERO TODAS AS LIBERDADES LABORAIS E SINDICAIS DOS T.E.P. É A LUTA DOS TRABALHADORES DO I.N.E. É A LUTA DE TODOS OS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA.

REVOGAÇÃO IMEDIATA !

despacho anti-greve

ABAIXO O DESPACHO ANTI-GREVE !
ABAIXO O DEC-LEI 294/76 !